



REFLEXÕES POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Clécio Leonardo Mendes Araújo¹
Universidade Estadual de Campinas
UNICAMP, SP, Brasil

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O livro “Pequeno Manual Antirracista” da filósofa, feminista, escritora Djamila Ribeiro foi lançado pela editora Companhia de Letras, em novembro de 2019, em São Paulo. Neste pequeno manual a autora objetiva 11 capítulos curtos e contundentes distribuídos em 136 páginas, além de um epílogo que vai trazer informações sobre a autora e autores/as negros/as, como Ângela Davis (2016), bell hooks (2000), Lélia Gonzalez (1988), Silvio Almeida (2019), Sueli Carneiro (2005), Abdias Nascimento (2016) e muitos outros citados neste livro.

O objetivo desta obra é apontar caminhos de reflexão antirracistas para a transformação dessa sociedade, entender as origens do racismo e o que podemos fazer para combatê-lo no nosso dia-a-dia e expor que o racismo é algo que está internalizado em todos e deve ser combatido a todo momento, já que vivemos e fomos criados em uma sociedade racista.

O racismo não é um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, mas um sistema complexo. Quando a palavra racismo é pesquisada no dicionário, o seu significado mostra o quanto as pessoas negras foram e são colocadas em posição de inferioridade.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Bolsista CAPES. Especialista em Educação Infantil pela UESPI (2021). Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI (2018). Aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Piauí UFPI (2019). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sociocultural - GEPEDISC Culturas Infantis. Membro da Comissão de Heteroidentificação da UFPI. <http://orcid.org/0000-0001-5289-0904>



No primeiro capítulo, intitulado “ Informe sobre o racismo”, Djamila Ribeiro disserta que o sistema racista está se atualizando de forma contínua, mais que é preciso compreender seu desenvolvimento. Ela traz a contribuição do pensador e professor negro Kabengele Munanga (2009) coloca que os racismos são abomináveis e que para entender o racismo no Brasil é preciso diferenciar de outras experiências conhecidas. Sendo assim conclui-se que é preciso identificar os mitos, em destaque a democracia racial, que constituem o sistema de opressão no Brasil, o qual levou à transcendência dos conflitos raciais com a harmonia entre brancos e negros e na ausência de leis de segregação. Ribeiro destaca dois pontos na sua obra a serem analisados: a importância de nomear as opressões, reconhecer o racismo para combatê-lo é nomear as opressões, pois reconhecendo o racismo se torna a melhor forma de combater e por fim se autoquestionar como medida para evitar esse tipo de violência pela luta antirracista.

O capítulo 2 “Enxergue a Negritude” revela que as populações negras desde sua infância são conduzidas a uma reflexão sobre sua condição social que dentro desta perspectiva a autora traz relatos de suas próprias experiências vivenciadas a fim de explicar a invisibilidade sofrida por pessoas negras. Neste contexto a autora coloca que autores/as ampliaram a visibilidade negra e as lutas ao longo da história para superar essa marginalização como a ativista Ângela Davis (2016) que lutou contra a segregação racial, emancipação e a valorização do povo negro. E o Teatro Experimental do Negro (TEN) criado por Abdias do Nascimento (2004) acaba trazendo a valorização da cultura brasileira por meio da educação e outros exemplos de iniciativas que ampliaram essa visibilidade.

“Reconheça os privilégios da branquitude”, o capítulo 3 Djamila Ribeiro cita o seu livro “O que é lugar de fala? Lançado em 2019, destaca a relevância de abordar a negritude e a branquitude. Como a mesma ressalta que todo mundo tem lugar de fala a partir de um lugar social. Pessoas brancas não tem costume de pensar o que significa pertencer a branquitude, pois o debate racial sempre é ligado a negritude. No Brasil a população negra chega quase a 56%. Portanto é importante se questionar a falta de pessoas negras protagonistas em diversas instituições sociais. Nesse sentido está atento as vantagens da branquitude nos espaços de poder permite que todos se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar o sistema racial que estrutura nossa sociedade brasileira

Em “Perceba o racismo internalizado em você”, o capítulo 4, Ribeiro (2019) afirma que “é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista”. Segundo a autora o racismo é algo presente na nossa sociedade que passa despercebido que nem damos conta.



Amélia Teles (1993) coloca que “ser feminista é assumir uma postura incômoda”. Então ser antirracista se encaixa nessa afirmativa que a autora supracitada coloca, pois nós sempre estamos conscientes às próprias atitudes e enxergamos os privilégios ao nosso redor entendendo que a linguagem é carregada de valores sociais e que necessita ser utilizada de forma crítica anulando as variadas expressões antirracista como por exemplo “ela é negra, mas é bonita” ou “negro de alma branca”.

Já no capítulo 5, “Apoie políticas educacionais afirmativas” aborda a falta de acessos e privilégios da população negra com menos condições de acesso à educação por conta do racismo estrutural ao contrário da população branca, em que resulta o debate não em capacidade e sim em oportunidades. Embora as desigualdades nas oportunidades sejam grandes algumas políticas públicas foram criadas nos últimos anos transformando a área da educação como o caso das cotas raciais. Este capítulo nos mostra quanto o/a leitor/a precisa se informar como obter conhecimento sobre as políticas públicas de combate à desigualdade social, oferecendo apoio às instituições de pesquisa e no apoio aos/as candidatos/as na defesa de políticas públicas efetivas.

O capítulo 6, “Transforme seu ambiente de trabalho” aborda sobre um dos procedimentos desenvolvidas pela branquitude em relação a pauta racial no ambiente de trabalho e a reserva de espaço para “o negro único”. Dessa forma entende-se que se uma empresa tem um/a negro/a contratado/a ele/a não seria racista. A autora coloca que esse/a “negro/a único/a” não representa toda população negra. A mesma traz neste capítulo um convite para que os/as leitores/as observem, questionem sobre a falta de pessoas negras presentes no ambiente de trabalho e se possível transformar esse ambiente de trabalho em um ambiente mais inclusivo e diverso com políticas públicas que obriguem as empresas a pensar na criação de ações antirracistas para reverter esse quadro.

De acordo com a autora o vocábulo “epistemicídio” conceito elaborado pelo professor português Boaventura Sousa(2014) Data e traduzido em sua tese de doutorado pela feminista negra Sueli Carneiro (2005) coloca esse conceito como um fenômeno do rebaixamento que o racismo impõe, discriminação provocados no cotidiano escolar, negação aos negros como sujeitos de conhecimento, entre outros processos que se remete ao apagamento e invisibilidade dos saberes produzidos por grupos oprimidos, título do capítulo 7 “Leia autores negros”. Para Ribeiro a maioria da população são formados por pessoas negras. Nesse sentido ela estimula que seus/suas leitores/as se debrucem bastante em obras de autores/as negros/as.



O capítulo 8 “Questione a cultura que você consome” aborda sobre os posicionamentos e os estereótipos que as pessoas negras foram e são submetidas em filmes, novelas e o tipo de papel que interpretaram e estimula os/as leitores/as questionarem e ter um olhar crítico para todas as expressões culturais que consomem como também reflitam e entendam que só haverá respeito a uma cultura quando a sociedade se permitir a conhecê-la de forma mais profunda e respeitosa.

No capítulo 9 “Conheça seus desejos e afetos” a autora começa abordando sobre a sexualização das mulheres negras em que a sociedade as enquadravam como “fáceis” em que muitas vezes reforçam abusos sexuais e violências contra elas. O início disso vem através de uma visão colonial estereotipada que para a classe dominante os corpos negros eram algo que podiam ser violados. Nesse sentido a autora recomenda que as pessoas brancas entendam os métodos que o racismo usa para se reproduzir.

Já o capítulo 10 “Combata a violência racial” traz os dados da Anistia Internacional em que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Segundo a autora se torna evidente que esse genocídio é aplicado a essas populações negras, sobretudo jovens, porque faz parte de uma política de segurança com finalidade de reprimir e exterminar essas pessoas negras principalmente os homens. O sistema judiciário em sua maioria é seletista. Ela menciona neste capítulo a socióloga Denise Silva (2014) em que ela afirma que com o assassinato dos jovens negros deveria criar uma crise ética na sociedade brasileira. E por fim a autora conclui esse capítulo indagando o porquê não é destinado o mesmo valor as vidas negras como é dado as vidas de pessoas brancas.

O capítulo 11 “Sejamos todos antirracistas” como último capítulo deste pequeno manual nos faz acordar para os privilégios de que certos grupos sociais são essenciais para transformar a violência diária que a população negra vem sofrendo. Isso surge com um desafio para quem nunca percebeu de forma crítica a si mesmo ou ao seu redor o sistema de opressão racial que de certo modo privilegia a branquitude.

Na parte final do livro Pequeno Manual Antirracista vem trazendo informações sobre os/as autores/as negros/as citados/as e que se tornaram inspiração na elaboração do texto.

A leitura desta obra é urgente para os dias atuais, sendo indicado para quem quer aprender sobre as raízes do racismo estrutural e está buscando assumir outra postura frente a sociedade, seja na escola, no trabalho, no bairro ou na própria família, ou seja, o Pequeno Manual Antirracista ajudará muitas pessoas a refletirem, a partir de uma linguagem simples e



de situações aparentemente frequente, sobre as desigualdades raciais no nosso país e no mundo, auxiliando no processo de conscientização sobre o tema.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em educação. Universidade de São Paulo, 2005.
- DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: KEMPER, Anna Katrin (Coord.). *Psicanálise e política*. Rio de Janeiro: Clínica Social de Psicanálise, 1981. pp. 155-80.
- hooks, bell. *Vivendo de amor*. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: Nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000. pp. 184-93.
- MUNANGA, Kabengele. *Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, línguas, cultura e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.
- NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Experimental do Negro: Trajetória e reflexões*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, pp. 209-24, 2004.
- NASCIMENTO, Abdias.. *O genocídio negro brasileiro: Processos de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Pólen, 2019. Coleção Feminismos Plurais.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O direito dos oprimidos: sociologia crítica do direito*, parte 1. São Paulo: Cortez, 2014.
- SILVA, Denise Ferreira da. *Ninguém: direito, racialidade e violência*. Meritum, v. 9, n. 1, p. 67-117, jan. /jun. 2014.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993